

**R**ENCONTRO  
literatura

**Edgar Allan Poe**

**O gato preto  
e outras histórias**

*Tradução e adaptação de*  
**Ricardo Gouveia**

*Ilustrações de*  
**Lelis**



editora scipione

Gerente editorial  
Sâmia Rios

Editora  
Maria Viana

Editor assistente  
Adilson Miguel

Revisora  
Nair Hitomi Kayo

Editora de arte  
Marisa Niesta Martin

Diagramador  
Jean Claudio da Silva Aranha

Programador visual de capa e miolo  
Didier Dias de Moraes



editora scipione

---

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400  
Freguesia do Ó  
CEP 02909-900 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE  
Tel.: 4003-3061

www.scipione.com.br  
e-mail: atendimento@scipione.com.br

---

2013

ISBN 978-85-262-6662-9 – AL

ISBN 978-85-262-6663-6 – PR

Cód. do livro CL: 735942

1.<sup>a</sup> EDIÇÃO

6.<sup>a</sup> impressão

Impressão e acabamento

Traduzido e adaptado de "The Black Cat", "The Fall of the House of Usher", "The Pit and the Pendulum", "The Tell-Tale Heart", "The Masque of the Red Death", "The Oval Portrait" e "The Cask of Amontillado", extraídos de *The Complete Tales and Poems of Edgar Allan Poe*. Londres: Penguin Classics, 1982.



---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Gouveia, Ricardo

O gato preto e outras histórias / Edgar Allan Poe; tradução e adaptação de Ricardo Gouveia; ilustrações de Lelis. – São Paulo: Scipione, 2007. (Série Reencontro literatura)

1. Literatura infantojuvenil I. Poe, Edgar Allan, 1809-1849. II. Gouveia, Ricardo. III. Lelis. IV. Título. V. Série.

07-3443

CDD-028.5

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

• ● •  
Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.

• ● •

# SUMÁRIO

<i>Quem foi Edgar Allan Poe?</i> .....	5
<i>Sobre estas histórias</i> .....	9
O gato preto .....	11
A queda da Casa de Usher .....	25
O poço e o pêndulo .....	50
O coração delator .....	72
A máscara da Morte Rubra .....	79
O retrato oval .....	88
O barril de <i>amontillado</i> .....	93
<i>Quem é Ricardo Gouveia?</i> .....	104



## QUEM FOI EDGAR ALLAN POE?

**H**avia algo de estranho e sombrio naquele homem sempre vestido com uma capa preta e surrada, muito magro. Mas, ao mesmo tempo, descrito como belo, elegante e extremamente fascinante. Muito bem-falante, Edgar Allan Poe devorava seus interlocutores com os olhos. E escrevia contos e poemas tão inusitados que gelavam a espinha do leitor.

Nascido em Boston, Estados Unidos, em 19 de janeiro de 1809, era filho de atores decadentes, que morreram antes de o pequeno Edgar completar três anos. Foi então acolhido por um casal de Richmond, Virgínia. O ambiente sulista, escravocrata e de arcaica estrutura social o impressionou vivamente e viria a ser decisivo para a sua formação. No contato com suas amas e criados, Poe teve acesso às narrativas folclóricas, aos relatos sobre os cemitérios e os cadáveres que vagavam pelos pântanos da região. Essa foi a base do mundo sobrenatural que ele passou a organizar em sua mente, solidificado pela leitura de revistas britânicas divulgadoras do Romantismo.

A infância de Poe foi tranquila e confortável; ele estudou em ótimos colégios, inclusive no exterior. Fortes laços afetivos o uniam a Frances, sua “nova mãe”. Entretanto, os choques violentos viriam a ser a tônica do relacionamento com seu protetor, John Allan: os pendores poéticos do jovem eram abominados pelo comerciante, que queria vê-lo seguindo a sua carreira, ou qualquer outra considerada “respeitável”.

De 1826 a 1830, Poe tentou frequentar a Universidade e a Academia Militar de West Point. Mas ambas foram interrompidas um ano depois de iniciadas. O ambiente boêmio universitário seduziu o jovem Edgar, que passou a beber e a jogar. Quanto à vida na caserna, percebeu logo que não havia sido talhado para ela. E, para agravar a situação, John Allan se recusava obstinadamente a lhe dar dinheiro suficiente para viver como seus colegas.

Nesse período, conseguiu publicar seus dois primeiros livros, *Tamerlão e outros poemas* e *Al Aaraaf*, que, mal recebidos pelo público, não lhe renderam compensações financeiras.

Diante da incompreensão que cercou sua obra, sem dinheiro ou abrigo, refugiou-se em Baltimore, na casa de Maria Clemm, sua tia pelo lado paterno. Ali encontrou tanto amor quanto o que lhe havia dedicado Frances, mulher de Allan, falecida pouco antes.

Passou a escrever contos, gênero de maior aceitação que a poesia, e em 1833 ganhou um concurso com “Manuscrito encontrado numa garrafa”. No ano seguinte, voltou a procurar John Allan ao saber que ele estava à morte. O pai adotivo, que tinha se casado novamente, teve um ataque ao vê-lo. Morreu pouco depois, deixando a Edgar apenas o sobrenome.

Apesar das adversidades, Poe casou-se no ano seguinte com Virginia Clemm, uma prima doze anos mais nova. Obteve o emprego de redator em uma revista de Richmond, para onde se transferiu mais tarde com a mulher e a tia. Pouco depois, mudou-se novamente, dessa vez para uma cidade com horizontes profissionais mais amplos. Foi um período de sucessivas mudanças – de Nova York para Filadélfia e vice-versa, com ocasionais retornos a Baltimore e Richmond –, marcado por passagens por diversas revistas literárias.

Dotado de espantosa inteligência, seu raciocínio lógico o levaria não só a elaborar intrincadas narrativas policiais, mas também a resolver um crime real, por meio da literatura: baseado no assassinato de Mary Cecília Rogers, que estava desnortando a polícia de Nova York, Poe decidiu escrever “O mistério de Marie Roget” (1842). Formulando hipóteses e deduções, deu um final ao conto que, em seguida, foi confirmado como a resolução do enigma que envolvia a morte da jovem nova-iorquina!

Sua produção arrebanhou-lhe fama e prestígio crescentes, que nem sempre lhe asseguraram os meios de sobrevivência. Em constantes dificuldades financeiras, viu serem premiados alguns de seus contos, como “Os assassinatos da rua Morgue” (1841) e o “Escaravelho de

ouro" (1843) – de certo modo, pioneiros da literatura policial. Nesse período surgiram os *Contos do grotesco e do arabesco*, em que deu vazão ao lado mais sinistro de seu talento.

A longa doença que acometeu Virginia, em 1842, foi um golpe dilacerante para Edgar, que, apesar disso, encontrava-se em efervescência criativa – nessa fase, escrevera sua obra-prima, o poema *O corvo*, acolhido pela crítica e pelo público com entusiasmo, e vários dos seus mais famosos contos. Virginia veio a morrer em 1847. A fase da grande produção de Poe havia se encerrado pouco antes.

Nos últimos anos de sua vida, debateu-se com seus fantasmas, recorrendo ao álcool e ao ópio como remédio contra as angústias e as dificuldades que o afligiam. Em 1849, na Filadélfia, Poe embriagou-se a ponto de ser encontrado sem sentidos nas ruas da cidade. Morreu no dia 7 de outubro daquele ano. Sua grande obra, mágica, lírica e macabra, permanece eterna.





## SOBRE ESTAS HISTÓRIAS

**S**upérfluo dizer que os textos de Edgar Allan Poe são “difíceis de traduzir”. São mesmo. Um estilo personalíssimo, “empolado”, como diriam alguns, usando palavras “difíceis”. Uma boa tradução usaria termos igualmente “difíceis” e tentaria situar a tradução procurando, em termos de linguagem, o equivalente em português da mesma época e contexto da obra original. Não foi isso o que fiz. Tentei colocar o texto de Poe em uma linguagem acessível, compreensível para o jovem de hoje, porém sem perder (na medida do possível) o estilo brilhante de Poe. Isso resultou não numa “adaptação” que simplifica e banaliza a obra do mestre, mas em uma, digamos, “atualização” da linguagem, tentando conservar a sofisticação e, até, a “dificuldade” de leitura. Não fiz cortes. Confio plenamente no leitor adolescente brasileiro. Sugiro a esse leitor que tente visualizar em sua mente as brilhantes descrições de Poe e, conseqüentemente, que sinta muito medo.

E, é claro, também espero que esse leitor aproveite, curta, recomende e, um dia, acabe procurando o original para poder apreciar plenamente o grande escritor.

*Ricardo Gouveia*





## O gato preto

**N**a mui extravagante, ainda que mui despretensiosa narrativa que estou prestes a escrever, não espero nem peço que acreditem. Louco, sem dúvida, seria eu se esperasse, num caso em que os meus próprios sentidos rejeitam o testemunho deles mesmos. Contudo, louco é que não sou e, com toda a certeza, não estou sonhando. Mas vou morrer amanhã, e hoje quero pôr para fora o que me pesa na alma. Meu objetivo imediato é colocar perante o mundo, de maneira simples, sucinta e sem comentários, uma série de eventos domésticos banais. Por suas consequências, esses eventos me aterrorizaram, me torturaram e me destruíram. Mesmo assim, vou tentar explicá-los. Para mim, eles representaram pouca coisa além de Horror; para muitos, parecerão menos terríveis que *grotescos*. No futuro, talvez seja possível encontrar algum intelecto que reduza o meu fantasma ao lugar-comum; algum intelecto mais calmo, mais lógico e muito menos excitável que o meu, o qual nada perceberá nas circunstâncias que passo a narrar com espanto e terror, além de uma corriqueira sucessão de causas e efeitos muito naturais.

Desde a infância me destaquei pela docilidade e pela humanidade do meu caráter. A ternura do meu coração era tão visível que me tornei motivo de chacotas dos meus companheiros. Eu tinha uma predileção especial por animais, e meus pais me brindavam com uma grande variedade de bichinhos de estimação. Era com eles que eu passava a maior parte do meu tempo, e nunca me sentia tão feliz como quando os alimentava e acariciava. Essa peculiaridade de caráter foi aumentando à medida que eu crescia e, depois de adulto, dela provinha uma das minhas principais fontes de prazer. Para aqueles que já nutriram afeição por um cão fiel e esperto, nem preciso me dar ao trabalho de explicar a natureza, ou a intensidade, da recompensa que daí deriva. Existe alguma coisa no amor desprendido e altruísta de um irracional que vai direto ao coração de uma pessoa que já teve frequentes oportunidades de pôr à prova a amizade mesquinha e a fidelidade frágil do mero *Homem*.

Casei-me cedo, e fiquei contente por encontrar em minha mulher um caráter que não era incompatível com o meu. Observando a minha predileção pelos animais domésticos, ela não perdia oportunidade de procurar os de espécies mais agradáveis. Tínhamos pássaros, peixinhos dourados, um belo cão, um macaquinho e *um gato*.

Este último era um animal extraordinariamente grande e bonito, todo preto, e de surpreendente esperteza. Ao falar de sua inteligência, minha mulher, que no fundo não era nem um pouco supersticiosa, fazia alusão frequente à antiga crença popular que via todos os gatos pretos como bruxas disfarçadas. Não que ela jamais tivesse levado esse assunto a *sério*, e se chego a mencioná-lo, não é por nenhuma razão melhor que o simples fato de que, bem agora, me veio à lembrança.

Plutão – era este o nome do gato – era o meu bicho favorito, e meu companheiro. Só eu lhe dava comida, e ele me acompanhava pela casa aonde quer que eu fosse. Chegava a ser difícil impedi-lo de me seguir pelas ruas.

Nossa amizade, desse modo, durou vários anos, durante os quais meu caráter e meu temperamento, de modo geral, e